

# MEMÓRIA HISTÓRICO-CULTURAL: MANIFESTAÇÕES DISCURSIVAS DE IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS NORTE MATO-GROSSENSES

Neusa Inês Philippsen<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo, que traz como principal mobilização teórico-metodológica a Análise de Discurso francesa, surge do interesse em voltar a pesquisa para a compreensão dos mecanismos que levaram e ainda levam migrantes de diferentes regiões brasileiras, em especial da Região Sul, a deslocarem-se de seus lugares de origem para a cidade de Sinop e entornos geográficos, integrantes da Amazônia Legal. E, ainda, verificar como essa pluralidade de modelos culturais e memórias discursivas *fundiu-se* e (re)atualiza-se em processos de identificação desta região *jovem*, que inicia o seu processo de colonização na década de sessenta do século XX.

**Palavras-chaves:** memória discursiva, propagandas, migrantes e identidade.

### 1. Primeiros Apontamentos: memória discursiva e processos identitários que envolvem os sujeitos da cidade de Sinop e dos entornos da Região Norte Mato-Grossense

O processo de desenvolvimento do norte mato-grossense tem início há pouco mais de quatro décadas, assim, torna-se prioridade lançar olhares reflexivos e científicos aos processos de identificação deste espaço geográfico, integrante da Amazônia Legal, que apresenta uma miscigenação cultural impulsionada a deslocar-se de seus espaços de origem em busca da promessa de desenvolvimento e progresso em terras *férteis*.

Assim sendo, ampliaremos, neste artigo, a delimitação teórica que sustenta a escolha metodológica da Análise de Discurso francesa, incursionando pelos campos da Economia, da Política e da Mídia por compreendermos que as próprias relações intertextuais que atravessam as formações discursivas são mediadoras das manifestações discursivas de *outros* lugares que se deslocam e (re)constituem a memória discursiva.

A importância dessa delimitação está ligada ao fato de que pretendemos averiguar a construção das relações e processos identitários, a qual não pode ser

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos Linguísticos – UFMT e professora de Linguística - UNEMAT, *campus* de Sinop.  
E-mail: neinph@yahoo.com.br

analisada sem se levar em conta os *efeitos* de memória a partir do inter-relacionamento político, econômico, discursivo e simbólico.

Dessa forma, ao relacionarmos os processos de identificação dos sujeitos em uma comunidade discursiva às práticas históricas e culturais, torna-se possível identificar o sentido dos significados sociais utilizados pelos participantes em pelo menos três distintos cenários contextuais, que são o *contexto macro-social econômico e ideológico*, o *micro-universo das práticas discursivas da vida cotidiana* e o *mundo intermediário das instituições sociais*, que podem promover ou não transformações e rupturas semântico-discursivas nas diferentes maneiras de manifestação da tradição cultural.

Portanto, a identidade cultural presente em uma determinada região convive com o processo de identificação vivido pelos sujeitos que a constituem, ou seja, são nas diferentes formações discursivas, inscritas na memória histórico-cultural de distintos contextos sócio-ideológicos, que se constroem representações discursivas e culturais de especificidade, as quais identificam sujeitos pertencentes a grupos e instituições sociais.

Orlandi traz importantes contribuições para a compreensão da formação dos processos identitários e da (re)significação dos sentidos discursivos nos *lugares* de sua constituição:

O sujeito se submete à língua (gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar (se) – em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia. Como sabemos, a formação discursiva – lugar provisório da metáfora – representa o lugar de constituição do sentido e de identificação do sujeito. Nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros, para fora, relacionando-o a outros, para dentro. Essa articulação entre um fora e um dentro são efeitos do próprio processo de interpelação. (ORLANDI, 2001, p. 103)

A este processo de aquisição de unidade e especificidade de sentido podemos acrescentar as reflexões de Morin (2001), que nos apresenta o fenômeno de identificação cultural como o princípio de inclusão e pertencimento do sujeito à comunidade discursiva da qual é integrante, sendo este, portanto, mecanismo de fortalecimento e retro-alimentação dos lugares institucionais e sociais. Barus-Michel (2004) explica, ainda, que o sentimento de pertencimento dos sujeitos aos espaços sociais encontra-se

no nível afetivo, o que proporcionaria aos membros de uma comunidade a ideia de coletividade.

Todavia, amparando-nos em Pêcheux (1975, p. 144), compreendemos que nas práticas discursivas e nas diversas manifestações culturais produzidas nos grupos sociais “o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras, expressões, proposições são produzidas, (isto é, reproduzidas)”.

Para uma melhor contextualização das relações identitárias que envolvem os sujeitos que delas participam, partimos do pressuposto apresentado por Orlandi de que nem tudo que está registrado é lembrado, nesse contexto, o esquecimento também é uma categoria contemplada, pois:

Saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo da memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza, e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que toma possível o diferente, a ruptura, o outro. (ORLANDI, 2000, p. 10)

Continuando o raciocínio de Orlandi (2000), os discursos produzidos em contextos específicos fixam-se como memória por meio da repetição, nas práticas discursivas, realizados nos grupos e instituições sociais, no entanto, a memória ao ser deslocada pelo esquecimento permite uma grande mobilidade de novos sentidos e, conseqüentemente, de (re)definições dos processos identitários.

Desse modo, pretendemos refletir sobre como a memória discursiva dos migrantes vindos do sul do país, nas décadas de sessenta e setenta, desloca-se e movimenta-se em condições de produção muito distintas daquela região, ganhando especificidade na comunidade discursiva sinopense e nos entornos da Região Norte mato-grossense.

Historicamente, tem-se, como ponto de partida, colonizadores que vieram à Amazônia Legal, trazidos pelo projeto de ocupação do Centro-Oeste brasileiro - denominado *Programa de Integração Nacional* (PIN) - a partir do qual ocorre e se (re)configura o processo de identificação na memória discursivo-cultural de migrantes que, impulsionados por promessas capitalistas de aquisição de terras férteis e prosperidade econômica, deslocaram-se de espaços geográficos estruturados e

economicamente *estabilizados* para uma das últimas *fronteiras agrícolas ainda desabitadas*<sup>2</sup>, a Região Norte do Estado de Mato Grosso.

Assim, importa verificar como os discursos foram e são produzidos, neste espaço geográfico, no início da colonização e no atual contexto econômico e ideológico, bem como as práticas discursivas que revelam a identidade cultural na comunidade discursiva sinopense, isto é, as relações (inter)discursivas que permeiam a (re)produção da memória das coisas e dos eventos discursivos que os sujeitos empreendem através de movimentos de sentidos de suas tradições culturais.

## 2. Considerações pré-analíticas

Destacamos, inicialmente, um fator de identificação que se apresenta nas práticas discursivas e culturais dos sujeitos sinopenses, fundamentado em Orlandi (1984, p. 14), quando afirma que “procuramos nos conhecer conhecendo como a Europa conhece o Brasil”, ou seja, há uma irreversibilidade de relações identitárias, visto que para a Europa o Brasil é “seu outro”, mas os Europeus jamais se identificaram como “nosso outro”. Assim, em consonância com a assertiva da autora citada, compreendemos que, metaforicamente, o sul do país corresponda à Europa, desenvolvido e com maior potencial econômico e de sustentabilidade, já o norte de Mato Grosso representaria o *outro* do Brasil e jamais o contrário.

Dessa forma, os sujeitos migrantes, ao entrarem em contato com a nova identidade cultural mato-grossense, produzem o *equivoco*, isto é, interpelados pela ideologia, e ainda que enclausurados numa *redoma* discursiva em que deixam transparecer a sua condição sócio-cultural antecedente, submetem-se ao *teatro da consciência*<sup>3</sup> e (re)produzem as manifestações discursivas disseminadas, fundamentalmente, pela mídia, de que este é um *novo mundo* cheio de oportunidades e possibilidades de ascensão econômica e social.

---

<sup>2</sup> Expressão inaugurada por Getúlio Vargas, no final da década de 30, na proposta de ocupação denominada *Marcha para o Oeste*, que tinha como propósito ocupar os ‘espaços vazios’ do Oeste e da Amazônia para criar, nesse ‘novo espaço’, uma nova ordem político-social.

<sup>3</sup> Tanto a noção de *teatro da consciência* quanto a de *equivoco* são tomadas por empréstimo de Eni Orlandi em ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

Acrescemos, ao quadro de identificação acima descrito, uma outra construção, a de que o sujeito migrante encontra-se em permanente estado de embate, ou seja, ao mesmo tempo em que *supostamente* identifica-se com o desejo de melhorar a sua condição sócio-econômica nas novas terras em que busca o “mel”<sup>4</sup>, também, de acordo com Sayad (1998, p. 46), só aceita emigrar, ou seja, sair do seu lugar de origem e da identificação que lhe é *familiar* “com a condição imaginária de que isso não passa de uma provação, passageira por definição”.

Assim, ainda que esta condição provisória assuma um caráter definitivo (ou permanente), ela não é anunciada como tal. Nessa acepção, o processo de identificação do sujeito migrante representaria a relação contrastiva entre desejar o *mel* e retornar à *Europa* (sul do País).

Portanto, os lugares em que se manifestam as práticas discursivas estão constantemente atravessados por relações inter-discursivas que constituem e identificam os sujeitos e as respectivas instituições que representam. Stübe Netto contribui para esta abordagem teórica ao informar que:

A memória discursiva concerne ao que se inscreve na constituição do sujeito e, assim, sustenta o (in)dizível desse sujeito, pois onde se produzir memória produz-se linguagem: uma forma de o sujeito se dizer e dizer o mundo. A memória dispensa rememoração, porque ela já está registrada nos corpos e organiza a relação destes com o real. (STÜBE NETTO, 2007, p. 132)

Desse modo, a memória está sempre presente nas manifestações discursivas dos sujeitos e nos gestos de interpretação que emanam nos relatos orais e/ou escritos interpelados pela narrativa de suas recordações, então, compreende-se que ainda que silenciadas, nas práticas discursivas, a presença das tradições culturais que os migrantes trazem de seus lugares de origem aparece em constantes processos de (re)atualização de *efeitos* de memória. É por isso que se entende que não existe uma identidade única, mas sim uma pluralidade de intersecções, visto que “se o sujeito é internamente múltiplo, heterogêneo, clivado, barrado, não nos é possível falar de identidade como algo acabado, estável e fixo” (STÜBE NETTO, 2007, p. 131).

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Picoli (2004) para demonstrar, metaforicamente, que as pessoas se deslocam para a Amazônia em busca de ascensão social e promessa de lucros fáceis (riqueza).

Isto significa dizer que os processos identitários, por exemplo, dos migrantes vindo do sul do país, silenciados pelas novas representações sócio-ideológicas a que estes se submetem, podem aparecer nas irrupções apreendidas no fio discursivo de suas manifestações discursivas ou nos silêncios dos movimentos de sentido. É exatamente por essas razões que não se pode realizar qualquer estudo relacionado a processos de identificação sem levar-se em conta a estreita relação entre estes e a memória discursiva.

Compreendemos também, que as relações de identificação, no atual contexto de predominância da ideologia neoliberal, além de apresentarem um sujeito migrante desejante, clivado entre *permanecer* x *retornar* ao lugar de origem, manifestam ainda as novas tendências mercadológicas, pois, de acordo com Hall (2000, p. 9), no final do século XX, com as grandes mudanças políticas e a economia global os sujeitos encontram-se duplamente deslocados, ou seja, *tanto pela descentração dos indivíduos de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos*.

Em consonância com as reflexões do teórico acima se encontra Iani (1996, p. 43-44) que reitera que “em boa parte, as crises que atingem as nações e nacionalidades, províncias e regiões, parecendo internas, são também determinadas pelo surto de globalização, que tem como base o desenvolvimento extensivo e intensivo do capitalismo no mundo”. Aqui podemos acrescentar e refletir sobre a recente crise da “madeira” que assolou e continua ‘desaquecendo’ a economia norte mato-grossense, visto que as indústrias madeireiras ‘eram’ a principal geradora de empregos e de renda dessa região.

Por outro lado, Picoli denuncia esse estado de crise ao afirmar que:

O processo de colonização da Amazônia nas últimas décadas foi realizado de forma extensiva, agressiva e repressiva, pois foi promovida pela burguesia nacional e internacional, apoiado pelo Estado brasileiro, dizimando grande quantidade dos povos originários. (PICOLI, 2004, p. 19)

Entendemos desse modo, que todo o processo de identificação da Região Norte mato-grossense foi e continua sendo uma construção ideológica projetada fundamentalmente pela mídia a partir de discursos políticos de base desenvolvimentista. Desde o início da colonização, ainda na década de sessenta, a estratégia política geo-econômica da Ditadura Militar vale-se dos recursos da mídia para propagar as vantagens

de migrar ao Centro-Oeste e encontrar terras férteis, lucros fáceis e ascensão social, tanto que um dos slogans lançados nessa época foi: *levar homens sem-terra para as terras sem homens*<sup>5</sup>; mais recentemente veiculam-se outros, tais como *celeiro do Brasil e terra de sonhos e realizações*.

### 3. Propagandas: difusão de possibilidades ilimitadas e prosperidade

A necessidade de ocupação das terras *vazias* da Amazônia e consequentemente da expansão do espaço produtivo fez com que o governo militar, fundamentalmente após o *golpe de Estado de 1964*, investisse em frentes de expansão e ampliasse as condições para o capital privado atuar nesse espaço brasileiro. Desse modo, de acordo com Souza (2004, p. 82), mesmo com os recursos disponibilizados por meio de uma série de projetos agropecuários e de colonização de caráter nacional e regional coordenados pelo Governo Federal, “defendia-se a ideia de que a iniciativa privada era essencial para a ocupação da Amazônia, valorizando, sobretudo, o seu espírito empresarial, privatizando as terras para se criar uma agricultura moderna e extensiva”.

Assim, mais especificamente a partir de 1972, iniciam-se as atividades da Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná – SINOP, Colonizadora que implanta o projeto de colonização da Gleba Celeste<sup>6</sup>. Para que essa iniciativa privada se concretizasse a empresa apostou numa intensa e fecunda divulgação das terras *excepcionais* para a produção agrícola e ainda *desabitadas* no norte mato-grossense.

Oliveira nos aponta para os procedimentos adotados pela Colonizadora para atingir os objetivos de ocupar, povoar e desenvolver a região:

A venda das terras da Gleba Celeste se deu através de difusão e propagandas efetuadas pela Empresa no Sul e Sudeste do País, especialmente no Norte e Noroeste do Paraná, região de origem da colonizadora. (...) As pessoas compraram terras em Sinop com o objetivo precípua de melhorarem as condições de vida sua e da sua

---

<sup>5</sup> De acordo com Souza (2004), as propagandas eram veiculadas para atender ao PIN, sancionado em 1970, pelo então presidente da República, General Emílio G. Médici, para aliviar a pressão demográfica e os conflitos fundiários existentes no Centro-Sul do país.

<sup>6</sup> Denominada oficialmente Gleba Celeste, a área de colonização aí instalada se constituiu de quatro núcleos coloniais: cidade de Vera (instalada em 27 de julho de 1972); cidade de Sinop (em 14 de setembro de 1974); cidade de Santa Carmem (em 15 de setembro de 1974) e cidade de Cláudia (em 1978). Souza (2004, p. 124)

família; o fizeram sob os efeitos das propagandas realizadas pela Empresa através dos meios de comunicação e de seus corretores, que buscavam enfatizar a qualidade das terras, o potencial e variedade das madeiras nobres existentes na área, as condições climáticas, boas aguadas, enfim, área propícia ao desenvolvimento da cultura do café, da pimenta e de cereais. (...) Existiam filmes e fotos, que punham em evidência a beleza dos cafezais produzindo a exuberância da selva como expressão de solos bons – onde o efeito propagandístico também era feito por amigos e parentes. (OLIVEIRA, 1983, p. 83)



O panfleto acima foi veiculado pela Colonizadora Sinop no início da colonização sinopense e demonstra efetivamente os efeitos de sentido mobilizados para atrair migrantes à região. As fotos, importante recurso imagético, têm o intuito de comprovar a opulência das plantações de café e da terra *livre de geada*, o foco centra-se num pé de café carregado com frutos viçosos ao lado de uma clareira, aberta no meio da mata cerrada e que demonstra o início de uma cidade planejada. De acordo com Souza (2004, p. 131) “o traçado do projeto e o formato dos lotes, rurais e urbanos, são retilíneos, de modo a ocupar da melhor maneira possível o espaço”. É deste planejamento que se vale a Colonizadora citada para justificar parte do enunciado da propaganda *Um passo de conquista na Amazônia* para enaltecer o investimento efetuado no meio da selva e dar credibilidade aos interessados em migrar.



A ênfase à qualidade da terra é ainda mais intensificada em outro marca discursiva que é introduzida com um substantivo de qualificação: “a riqueza da terra para você”. Se a qualidade da terra, contudo, ainda não fosse suficiente para atrair os *empobrecidos* migrantes, na sua maioria do sul do país, região de origem da Colonizadora citada e na qual mais investiu em propaganda e publicidade, a estratégia adotada, então, foi jogar entusiasticamente e emocionalmente com o espírito empreendedor humano e a tão sonhada busca por riquezas e lucros fáceis. Léna (1988, p. 93) chama a atenção para a condição do migrante que ao dirigir-se para uma região de fronteira agrícola “alimenta a esperança de dar partida a um processo de acumulação individual, ou de abreviar esse processo, assegurando assim sua promoção social e o futuro de seus filhos”.

Desse modo, a Colonizadora vale-se de uma assertiva de persuasão que não abre margem para dúvidas “na Gleba Celeste está garantido o seu futuro. E o da sua família também (sic)”. A garantia de futuro está ainda destacada em outro momento “a Sinop nos caminhos do futuro”. Portanto, essas formulações que trazem como destaque o substantivo *futuro* corroboram os enunciados anteriores que enaltecem a região com adjetivações capitalistas de prosperidade, tais como “conquista” e “riqueza”. Tal construção discursiva tem o intuito de desfazer os possíveis receios que os leitores-migrantes tinham de deslocarem-se de seus lugares de origem a este *espaço vazio*, visto que há a promessa de futuro garantido a ele e sua família, Sinop é este lugar de sucesso para todos com a promessa de muitas realizações futuras asseguradas pela Colonizadora.

Outro recurso imagético utilizado é o carro, modelo fusca e muito popular na época descrita, como estratégia de enaltecimento ao progresso e prosperidade que aguardavam o migrante que se decidisse a adquirir as terras *férteis* e promissoras do norte mato-grossense.

Estas práticas discursivas revelam especificamente a construção ideológico-cultural da identidade na comunidade sinopense, e a partir dessas relações discursivas primeiras é que se (re)produz a memória das coisas e dos eventos discursivos por meio de (inter)discursividades empreendidas pelos sujeitos e os sentidos que estes deslocam a cada manifestação discursiva.

Assim, fragmentos e marcas textuais dessa memória discursiva podem ser identificados e resgatados no atual contexto econômico, e retratam os efeitos ideológicos difundidos no início da colonização e que representam a filiação às formações discursivas capitalistas que idealizaram a construção de cidades e o povoamento de regiões *desabitadas* na Amazônia Legal. Na propaganda, que destacamos a seguir, podemos recuperar explicitamente as marcas linguísticas que correspondem às objetivações iniciais traçadas e difundidas exaustivamente pelos meios de comunicação e recursos propagandísticos, veiculados mais intensamente nos anos setenta e meados dos anos oitenta do século passado, mas que prevalecem e são resgatadas, reproduzidas e re-significadas nos ditos que os sujeitos utilizam no contexto atual.



Os adjetivos “rica, bonita e promissora”, evidenciados em letra de forma e preenchendo todo o espaço superior e centralizado do verso-capa da Revista *RDM Liderança* (2001), mostram-nos a dimensão exata do resgate interdiscursivo arquitetado pelo produtor de marketing contratado pela empresa de materiais de construção para anunciar a abertura de uma de suas lojas em Sinop. Temos aqui a descrição precisa, de acordo com o enunciador da propaganda, das principais qualidades que a cidade oferece e que, dessa forma, exerceu sedução no grupo empresarial que irá investir nesse espaço

geográfico. No entanto, faz-se necessária a identificação de contrastes na restituição da memória dessas principais marcas discursivas difundidas no início da colonização.

A riqueza, idealizada no início, é agora uma assertiva afirmativa e imponente, a cidade é *rica*, isto é, muitos migrantes que acreditaram na fertilidade da terra hoje estão abastados financeiramente; a *beleza* da região, que no panfleto analisado era realçada pelo verde das matas e plantações de café exuberantes, agora é substituída pela *infinita* plantação de algodão à esquerda e milho à direita, em contraste com a imagem sem nitidez de um fundo verde que indica provavelmente uma vasta plantação de soja. Contexto este absolutamente diverso ao primeiro, o qual, no entanto, não se contradiz com as práticas discursivas do primeiro suporte, ou seja, ao convite realizado pela Colonizadora para que os migrantes viessem e investissem no potencial agrícola das terras norte mato-grossenses. E, finalmente, o adjetivo *promissor*, que retoma o substantivo futuro, tão explorado no folheto de propaganda, isto é, se a cidade é promissora, então, proporciona expectativas de lucros fáceis e excelentes projeções econômicas futuras.

É exatamente esse resgate interdiscursivo que permite ao enunciador, que se vale de um sujeito coletivo informal “a gente”, dizer que a empresa em destaque também se “apaixonou por esta cidade”, assim como os primeiros migrantes que acreditaram e investiram nessa região “promissora”.

O texto final enaltece ainda mais as adjetivações destacadas e centralizadas na revista, enfatizando os fatores econômicos e culturais como responsáveis pelo *enriquecimento* e rápido crescimento da cidade, a qual conta hoje com mais de cem mil habitantes<sup>7</sup>, reiterado pelos elogios tecidos à própria colonizadora que a projetou, ou seja, a memória de identificação é destacada no período “Sinop é uma cidade planejada, que tem muita história para contar e muito futuro para viver”.

Esse destaque é concluído, no último parágrafo, com um substantivo plural “sonhos”, que representa o imaginário social, isto é, a memória discursiva dos migrantes sinopenses desde sua peregrinação às *terras vazias* do norte de Mato Grosso até a atualidade, o que justifica a escolha conclusiva do enunciador “um amor assim é pra toda vida”, amor que, no entanto, representa uma construção ideológica de interesses dominantes.

---

<sup>7</sup> Especificamente, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- em 2007, o Município de Sinop conta com 105.762 habitantes.

#### 4. Apontamentos Finais

Retratar e analisar as manifestações discursivo-culturais propagadas pela mídia, bem como suas relações com os contextos econômicos e ideológicos que permitem recuperar efeitos de sentido de identificação regional foi o propósito maior deste artigo.

Isto posto, por compreendermos que as ações humanas estão vinculadas a ideologias e a contextos marcados por eventos políticos e econômicos. Desse modo, visamos refletir criticamente sobre os mecanismos e processos discursivos que manifestam efeitos de sentido na comunidade sinopense e seu entorno. Assim sendo, temos o intuito maior de estimular os sujeitos sociais, que vivem na região norte mato-grossense, a perceberem os interesses capitalistas e a dinamização das forças produtivas que mobilizam os processos de identificação e (re)atualizam na memória discursiva a manutenção de valores e preconceitos que fortalecem as desigualdades.

Esperamos, também, poder contribuir qualitativamente com a incipiente pesquisa realizada na Região Norte de Mato Grosso, com o propósito de (re)constituir, na Amazônia norte mato-grossense, os processos de identificação na memória que foram (re)construídos com o modelo de plano desenvolvimentista pelo governo militar e que, na ordem do repetível, deslocam-se no contexto atual para as novas exigências mercadológicas globais.

#### Referências

- BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Identidade Cultura e Linguagem*. Cáceres: UNEMAT Editora, 2005.
- BARUS-MICHEL, Jacqueline. *O sujeito social*. [Lê sujet social. Tradução de Eunice Galery & Virgínia Mata Machado]. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. [The question of cultural identity. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro (4a. edição)]. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- IANNI, Octavio. *A era da globalização*. 2a. edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Banco de dados*. IBGE Cidades. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em 10 de jun. 2008, às 10h02m.

LÉNA, PHILIPPE. *Diversidade da fronteira agrícola na Amazônia*. In: *Fronteiras*. AUBERTIN, Catherine. (Org.); BECKER, Bertha et al. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, Paris: ORSTOM, 1988.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. [La tête bien – faite – Repenser la réforme, réformer la pensée. Tradução de Eloá Jacobina (3ª. Edição)]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

OLIVEIRA, João Mariano de. *A Esperança vem na frente: contribuição ao estudo da pequena produção em Mato Grosso, o caso Sinop*. Dissertação de Mestrado. FFLCH – USP. São Paulo, 1983.

ORLANDI, Eni P. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 2.ed. Campinas: Pontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez, 1984.

PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*. In: *Langages*, nº 37, 1975, pp. 7-79.

PHILIPPSEN, N. I. *Mídia Impressa e Heterogeneidade: polêmicas da esfera da atividade madeireira no espaço discursivo da Amazônia Legal*. Dissertação de Mestrado – UFMT/Cuiabá-MT, 2007.

PICOLI, Fiorelo (a). *Amazônia: a ilusão da terra prometida*. Sinop: Editora Fiorelo, 2004.

REVISTA RDM Liderança. *Brasília: Poligráfica*. Editora Brasiliense Ltda, ano I, ed.1, contracapa, set.2001.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo & COX, Maria Inês P. (Orgs.). *Vozes cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante? In: *A Imigração e os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: EdUSP, 1998.

SOUZA, Edison A. *Sinop: história, imagens e relatos. Um estudo sobre a colonização de Sinop*. Associação Brasileira das Editoras Universitárias. Cuiabá, 2004.

STÜBE NETTO, A. D. *Sujeito e linguagem: (des)construindo identidades*. Revista da ABRALIN, v.6, p.129-146, 2007.

## **MEMORY-CULTURAL HISTORY: MANIFESTATIONS DISCURSIVES SUBJECT OF IDENTIFICATION OF NORTHERN MATO-GROSSENSES**

### **ABSTRACT**

This article, which brings mobilization as the main theoretical and methodological analysis of the Speech French, there's interest in returning to search for understanding the mechanisms that lead and still lead migrants from different regions of Brazil, particularly Southern Region, visited Up to their places of origin for the city of Sinop and geographical environments, members of the Legal Amazon. And yet, see how this plurality of cultural models and memories discursive 'merged Up' and (re) updates itself in cases of identification of the region 'couple', which begins its process of colonization in the sixties of the twentieth century .

**Keywords:** memory discursive, advertisements, migrants and identity.